

## Editorial / Editorial

Ao longo de sua existência, a revista *Tensões Mundiais* tem buscado trazer aos leitores uma perspectiva crítica da chamada ordem internacional. Não foram poucos os artigos que abordaram as instituições financeiras multilaterais, as guerras imperialistas e a dinâmica de globalização, entre outros assuntos pertinentes. Dois exemplos de temas abordados são o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas.

No entanto, há fatos que passam despercebidos até mesmo pelos estudiosos das Relações Internacionais e que, intencionalmente, são silenciados pela grande mídia. Nessa segunda década do século XXI, chama atenção a persistência de um fenômeno que, a julgar pelo discurso civilizatório do universalismo europeu, estaria erradicado: o colonialismo. No Saara Ocidental, com a complacência da comunidade internacional, desde 1987, o povo Saaraui sobrevive a duras penas, sob ocupação do Marrocos e sem deixar de lutar por sua autodeterminação, em nenhum momento. Quem dentre nós já ouviu falar da Frente Polisário ou da República Árabe Saaraui Democrática? Ou conhece as razões pelas quais nunca se realizou o referendo prometido pela Espanha para decidir sobre a independência desta nação?

Assim, *Tensões Mundiais* traz ao conhecimento do público leitor a incrível resistência que marca a história da última colônia na África. O antropólogo espanhol Juan Carlos Gimeno compartilha sua experiência de acadêmico e militante, em um texto instigante sobre as formas de luta do povo Saaraui para romper com uma situação em que os direitos humanos se subordinam claramente a interesses econômicos e políticos, em particular da União Europeia.

Marco Gabbas discute a notável obra de Che Guevara, *Guerra de Guerrilhas*, a partir dos conceitos gramscianos de hegemonia e guerra de posição/guerra de movimento. Sua intenção, ao oferecer uma análise político-ideológica do livro, é ressaltar alguns aspectos sobre o teórico da política que era o líder guerrilheiro, morto em ação na selva boliviana, em 1967. O historiador húngaro teve acesso a fontes orais, as quais indicam que Gramsci foi traduzido em espanhol e publicado em Cuba, sendo provável que Che tivesse contato com os escritos do comunista italiano.

A discussão sobre a Revolução de 1917 prossegue neste número sob diferentes olhares, revelando a atualidade e a adesão de acadêmicos ao polêmico tema. Duas experientes pesquisadoras estreiam em nossa revista com artigos que evocam trajetórias pessoais de rebeldes que, no decorrer do processo revolucionário na Rússia, buscaram desenvolver práticas políticas libertárias.

Daniela Spenser examina a biografia de três militantes russos que foram para o México, na década de 1920, e seu envolvimento com a revolução zapatista. Seu intuito é estudar a interação entre indivíduos, o contexto de suas ações e ideias, bem como os impactos no meio social em que viveram. Para a investigadora tcheca, o potencial transformador das revoluções findou subordinado ao fortalecimento do Estado tanto na Rússia quanto no México.

A história de vida do jovem anarquista ucraniano Nestor Makhno é o fio da meada que conduz a cientista política Natalia Montebello em suas reflexões. Em um texto livre e poético, ela procura escapar de um pensamento formalista ancorado no Estado e, assim, repensar a revolução política diante da ideia mais abrangente de revolução social, mostrando as diferenças entre ambas. Trata-se, segundo a autora, da potencialidade ética de revoltas que dispensam o lugar de poder do Estado, afirmando relações desprovidas de hierarquia e centralização.

A relação entre José Carlos Mariátegui e o fenômeno político de maior envergadura no início do século XX, a revolução proletária

na Rússia, são examinadas por Bernardo Soares Pereira. Seu artigo tem como objetivo explorar o impacto do socialismo no pensamento do reconhecido expoente do marxismo latino-americano, cuja obra nem sempre tem atiçado a curiosidade da intelectualidade brasileira. Já a perspectiva militar da Revolução de 1917 exige uma análise teórica criteriosa, afirma Paulo Ribeiro da Cunha, que nos brinda com um texto sobre a ação política revolucionária, tendo como referencial obras de Lênin. Sua percepção é construída no cenário da revolução de 1905, amadurecida na I Guerra Mundial, expandida em 1917 com a Revolução de Fevereiro e a Revolução de Outubro e consolidada durante a Guerra Civil e a formação do exército vermelho.

Encerrando as análises acerca da Revolução Russa e a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Samuel Duarte e Cesar Figueiredo oferecem um estudo primoroso sobre as razões que poderiam explicar o colapso do Estado Soviético, em 1991. A metodologia adotada pelos autores consiste em uma reconstituição histórica com ênfase nas décadas de 1980 e 1990.

Os últimos artigos desta edição abrem uma janela de observação para os recentes acontecimentos que afligem o mundo árabe. O Oriente Médio está no centro das disputas geopolíticas, ligadas principalmente ao petróleo. Ali, os interesses econômicos globais, que definem as relações de poder, estão frequentemente em conflito.

Educação e direitos humanos para mulheres muçulmanas é o assunto abordado por Allana Lacerda e Francisca Geny Lustosa. As informações resultam de uma investigação qualitativa realizada no ano de 2017 e evidenciam a presença de fatores econômicos, políticos, culturais e religiosos como impedidores e/ou favorecedores do usufruto do direito educacional.

O filósofo e militante palestino Rasem Bisharat aborda o reconhecimento do Estado da Palestina pelo governo de Luís Inácio Lula da Silva, em 2010, com as fronteiras anteriores à guerra dos seis dias de 1967. Segue-se o ensaio fotográfico de Karine Garcez

que expõe através de imagens contundentes e belas como transcorre a vida nos assentamentos e campos de refugiados.

Desejamos a vocês uma boa leitura!

Os editores